

RELATOS DE UMA QUARENTENA

Autora: Bárbara Cabral

1. Estar só

Sempre estive e gostei. Estar só não é um problema, definitivamente, mas ser obrigado a ficar só.. isso sim é. Reitero: não pela solidão, mas pela obrigatoriedade – essa que tensiona a nossa frágil ilusão de liberdade.

2. Marco histórico

Veza ou outra, vem à minha cabeça que Jorge, o filho ainda muito jovem (2 anos?), de Ivan e Isa, irá falar aos colegas daqui uns 20 anos: “Meu pai e minha mãe também ficaram de quarentena na tal epidemia dos anos 20, e toda minha família e os amigos deles também. O que era engraçado, e até tem foto, é que eles ‘saíam’ com os amigos pela internet, vocês acreditam? Existia um negócio do Google chamado Hang Out; eles ficavam lá se vendo e bebendo. A imagem e o som eram péssimo.”

Isso me parece muito estranho.

3. As teorias da conspiração

Vocês já perceberam que as pessoas têm dificuldade em entender o absurdo? É meio óbvio isso que estou dizendo.

Vou tentar começar de novo. O que eu gostaria de me referir mais incisivamente é o fato de que é muito mais palatável acreditar em teorias da conspiração do que no acontecimento, que é o próprio absurdo!

Então, de repente “estamos vivendo a maldição chinesa”, “essa é a peste que Deus enviou aos humanos como indício do apocalipse”, “Deus é bom, isso é maldição do Diabo”, “isso é jogo político da Organização Mundial da Saúde para acabar com o governo do nosso mito Bolsonaro”.

Pois é.

4. A ausência de toque

Talvez, para mim, essa é a questão mais complexa dessa quarentena. Felizmente minhas gatinhas gostam de ser acariciadas, elas estão me salvando da loucura.

Eu que sempre fui uma pessoa do toque, sinto-me menos delimitada nessa circunstância. Ando perdendo a noção do desejo e dos afetos. É como se tudo tivesse

virado ideia: sem corpo, sem calor, sem pressão. Quase sempre mediada – menos pelo ar – mais pelos códigos binários.

O toque costuma nos demarcar em relação aos outros, é a expressão do limite.